

Um Manuscrito  
encontrado numa  
Garrafa

*Edgar Allan Poe*

# Um Manuscrito encontrado numa Garrafa

Título original: Manuscript Found in a Bottle

Publicado em 1833

*Quem não tem mais do que um  
momento de vida não pode dissimular.*

— Quinault-Atys

Da minha pátria e da minha família tenho pouco que dizer. O meu mau procedimento e o decorrer dos anos tornaram-me estranho a ambas. Graças ao meu património, tive o benefício de uma educação pouco vulgar, e a inclinação do meu espírito para a contemplação deu-me possibilidades de classificar metodicamente todo esse material instrutivo acumulado pelo estudo aturado.

As obras dos filósofos alemães, sobretudo, causaram-me infinitas delícias, não por admiração pela sua eloquente loucura, mas pelo prazer que, por virtude dos meus hábitos de rigorosa análise, sentia surpreendendo os seus erros.

Censuraram-me muitas vezes o génio azedo e a falta de imaginação. O pirronismo das minhas opiniões tornou-me célebre.

Temo, realmente, que uma forte inclinação para a filosofia da física tenha impregnado o meu espírito de um dos defeitos mais comuns deste século, ou seja o costume da relacionar com os princípios desta ciência as circunstâncias menos suscetíveis de semelhante relação.

Considero oportuno este preâmbulo, perante o receio de que o incrível relato que vou fazer seja considerado como o frenesi de uma imaginação desvairada e não como a experiência positiva de um homem para o qual não existiram nunca as lucubrações imaginativas.

Após muitos anos sem proveito numa longa e longínqua viagem, embarquei em 18... em Batávia, na seca e populosa ilha de Java, para dar um passeio pelo arquipélago das ilhas de Sonda. Ia como simples passageiro, visto que não me impelia outro móbil além da minha instabilidade nervosa, sempre tentadora como um mau espírito. O barco tinha aproximadamente 400 toneladas, fora construído em Bombaim, e ia carregado de algodão, lã e óleo das Laquedivas.

Levávamos também outro carregamento: açúcar de palma, cocos e algumas caixas de ópio. Durante alguns dias, permanecemos ao largo da costa oriental de Java, sem outro incidente que cortasse a monotonia da viagem além do aparecimento de algumas ilhotas.

Uma tarde, estava eu apoiado à borda do tombadilho, quando vi uma singularíssima nuvem isolada no lado noroeste do céu. Distinguia-se não só pela sua cor como por ser a primeira que tínhamos visto desde a partida de Batávia.

Examinei-a atentamente até ao pôr do sol; então estendeu-se de Este para Oeste, marcando no horizonte uma linha nítida de vapor que parecia um troço de costa muito baixa.

Mas, em breve, a minha atenção foi distraída pelo aspeto vermelho-escuro da lua e pela estranha fisionomia do mar. Este último sofrera uma rápida transformação; a água parecia mais transparente que de costume e distinguia-se o fundo com toda a nitidez. Não obstante isso, ao deitar a sonda verificámos que estávamos a uma altura de quinze braças.

O ar tornou-se intoleravelmente cálido e estava carregado de exalações semelhantes às que emanam do ferro incandescente. Com a noite, a brisa amainou completamente e fomos envolvidos por uma calma absoluta. A chama de uma vela ardia sem o menor movimento sensível e um cabelo suspenso entre o indicador e o polegar caía a direito sem a mais pequena oscilação.

No entanto, como o capitão dizia que não havia nenhuma ameaça de perigo, e como derivávamos para terra, ficámos tranquilos. Colheram-se as velas e lançou-se a âncora. Não se pôs vigia de quarto e a tripulação, composta principalmente de malaios, deitou-se sobre a ponte.

Fui para o meu camarote com alguma inquietação, porque tinha o pressentimento de uma desgraça.

Todos aqueles sintomas faziam prever um ciclone, mas, quando o disse ao capitão, este encolheu os ombros e voltou-me as costas sem me responder.

Como não podia conciliar o sono, à meia-noite subi para a coberta. Ao pôr o pé sobre o último degrau fiquei aterrado com um rumor profundo, semelhante ao que produz a rotação rápida de uma roda de moinho, e antes que pudesse averiguar a causa reparei que o navio estremecia sacudido violentamente. Um golpe de mar deitou-o de lado e, passando por cima de nós, varreu a coberta.

A própria fúria do vento contribuiu para o salvar, embora mergulhasse quase por completo na água. Como os seus mastaréis ficaram livres, tornou a levantar-se lentamente, vacilou um instante sobre a enorme pressão da tempestade, e por fim voltou à antiga posição.

Escapei da morte milagrosamente. Atordoado pelo violento choque da água, encontrei-me, ao voltar a mim, entre o cadaste e o timão. Consegui, com muito trabalho, pôr-me em pé e, ao olhar à minha volta, imaginei que estávamos no meio da rebentação do mar contra os escolhos, tão terrível era o torvelinho em que nos encontrávamos.

Ao cabo de alguns momentos, ouvi a voz de um velho sueco que tinha embarcado minutos antes do navio abandonar o porto. Chamei-o aos gritos e, cambaleando, dirigiu-se para mim.

Em breve percebemos que éramos os únicos sobreviventes do desastre. Tudo o que estava sobre a coberta, exceto nós, tinha ido pela borda fora. O capitão e os marinheiros morreram durante o sono, porque os seus camarotes foram inundados.

Sozinhos, nada podíamos fazer para salvar o navio, nem tão pouco nos deixava pensar nisso a certeza que tínhamos de que íamos morrer de um momento para o outro. Éramos açoitados pelo furacão e a água precipitava-se de todos os lados; no entanto, verificámos que as bombas funcionavam e que o carregamento não tinha sofrido muito.

Durante cinco dias e cinco noites inteiras, em que vivemos de alguns pedaços de açúcar de palma, o barco continuou a sua correria com incalculável rapidez, impelido pelas correntes de ar que se sucediam assustadoramente e que, sem igualar o primeiro ímpeto do tufão, eram no entanto muito mais terríveis que as de qualquer outra tempestade conhecida.

Nos primeiros dias, a nossa rota, salvo ligeiras variações, foi a do sudoeste, em direção às costas da Nova Zelândia.

Ao quinto dia o frio aumentou, embora o vento viesse do Norte. O sol ergueu-se com um resplendor amarelento e doentio, sem projetar uma luz clara.

Não se via nenhuma nuvem e, no entanto, o vento esfriava e soprava furioso. Cerca do meio dia, o aspeto do sol chamou a nossa atenção. Realmente, não desferia verdadeira luminosidade mas uma espécie de fulgor sombrio e triste, em reflexos, como se todos os seus raios estivessem polarizados. Antes de mergulhar no mar, o seu clarão central desapareceu repentinamente, como se um poder inexplicável o tivesse apagado de súbito. Não era mais que uma rosa pálida e prateada quando se precipitou no oceano insondável.

Inutilmente esperámos a chegada do sexto dia. Este dia não chegou ainda para mim; para o sueco não chegou nunca.

A partir desse momento ficámos sepultados em trevas muito espessas e não distinguíamos um objeto a vinte passos do navio. Envolveu-nos uma noite eterna que não era sequer aliviada pelo resplendor fosfórico do mar, ao qual estávamos acostumados nos trópicos. Observámos igualmente que, apesar da tempestade continuar, raivosa e enfurecida, já não sentíamos nenhuma ressaca nem os alvacentos carneirinhos que nos acompanhavam e sacudiam dias antes.

Em volta de nós, o horror, a escuridão impenetrável e o negro deserto de ébano líquido. Pouco a pouco, ia-se infiltrando no espírito do velho sueco um terror supersticioso e a minha alma mergulhava em muda estupefação.

Abandonámos por completo toda a reparação e cuidado com o barco e, abraçados ao pau de mezena, passeávamos os nossos olhares amargamente sobre a imensidade oceânica. Faltavam-nos os meios para calcular o tempo e não podíamos fazer a mais pequena conjetura sobre a nossa situação. Estávamos certos, contudo, de ter ido muito mais para o sul que nenhum dos anteriores navegantes e surpreendia-nos não encontrar o natural obstáculo do gelo. Cada minuto nos parecia ser o último da nossa existência e cada onda nos parecia a derradeira que veríamos. Realmente, só por milagre escapámos de ser engolidos pelo mar em fúria.

O meu companheiro falava da leveza do carregamento e recordava as excelentes qualidades do navio, mas eu já tinha renunciado de antemão à vida e preparava-me melancolicamente para a morte, que nada poderia deter mais de uma hora, porque a cada novo avanço do barco aquele mar negro e prodigioso adquiria um aspeto mais lúgubre e fatal.

Às vezes, a uma altura maior que a do albatroz, a respiração faltava-nos.

Outras vezes descíamos vertiginosamente ao fundo de um inferno líquido, onde não parecia existir ar nem som. Estávamos no fundo de um desses abismos quando um súbito grito do meu companheiro rasgou sinistramente a noite:

— Olhe, olhe! — exclamou ao meu ouvido. — Deus onnipotente!

Uma luz vermelha, com um brilho sombrio e triste, flutuava e lançava sobre o barco um reflexo vacilante.

Levantei o olhar e vi então um espetáculo que me gelou o sangue nas veias.

A uma altura tremenda, justamente por cima de nós, e sobre a própria crista do precipício, passava um barco gigantesco, talvez de 4000 toneladas. Embora empoleirado no alto de uma onda cem vezes mais alta do que ele, parecia de dimensões muito maiores do que as de qualquer outro barco de linha ou da Companhia das Índias. O seu enorme casco, pintado de um negro carregado, não era aligeirado por nenhum dos ornamentos próprios dos navios. Uma simples fileira de canhões devolvia, refletida pela sua superfície polida, a luz de inumeráveis faróis de combate que se balançavam nos seus mastros. Mas o que nos inspirou maior assombro e terror foi o facto de navegar com as velas desfraldadas no meio daquele mar sobrenatural e tempestuoso.

Durante um momento — momento de supremo terror — vacilou no alto do abismo, depois estremeceu, inclinou-se, e por fim deslizou pela vertente abaixo.

Ignoro como pude conservar o sangue-frio para dominar o pavor. Recuando o mais possível, aguardei impávido a catástrofe que devia esmagarnos. A nossa embarcação já não lutava com o mar e mergulhava de proa, lentamente.

Assim, pois, o enorme e misterioso navio chocou com a parte do nosso que estava já debaixo de água, do que resultou eu ser arremessado para o cordame da sua mastreação.

Quando caí, o navio teve um momento de quietação, depois virou rapidamente e isso, sem dúvida, produzindo uma natural confusão, fez com que a minha presença passasse despercebida. Não tive muito trabalho em escapar-me, sem ser visto, pela escotilha principal, e pude esconder-me no canto mais obscuro e afastado da calheta. Não sei dizer como nem porque o fiz. O que me levou a isso foi um vago sentimento de terror que se apoderou do meu espírito perante o aspeto da sua tripulação.

Não me lembra de nenhuma raça que apresentasse aquelas características de indefinível raridade e que pudesse produzir tantas razões de dúvida e de desconfiança.

Apenas tinha conseguido ocultar-me quando senti um ruído de passos. Um homem passou diante do meu esconderijo. Não podia ver-lhe o rosto mas pude observar-lhe o aspeto geral. Tinha toda a aparência de um ser débil e caduco. Os joelhos dobravam-se-lhe sob o peso dos anos e um tremor constante sacudia-lhe o corpo. Falava consigo mesmo, com voz débil e entrecortada, em palavras de um idioma incompreensível, enquanto revolia um canto onde se empilhavam instrumentos de formas estranhas e cartas de navegação deterioradas. Os seus gestos e atitudes eram uma mistura singular da fraqueza de uma segunda infância e da dignidade solene de um deus. Ao fim de certo tempo voltou para a coberta e já o não vi mais.

Apossou-se da minha alma tal sentimento que não encontro palavras para o exprimir, uma sensação impenetrável á análise que não tem tradução nos dicionários conhecidos e cuja significação receio muito que não venha a encontrar-se no futuro.

Para um espírito constituído como o meu, esta última consideração era um verdadeiro suplício. Tenho o pressentimento de que não poderei revelar nunca a verdadeira significação das minhas ideias. No entanto é lógico, de certa maneira, que estas ideias permaneçam indefiníveis, visto que brotam de fontes absolutamente inéditas. Um novo sentimento, uma nova identidade incorporou-se na minha alma.

Há já muito tempo que pisei pela primeira vez a coberta deste navio e os raios do destino concentram-se cada vez mais.

Que gente incompreensível! Passam a meu lado sem me ver, embebidos em meditações cuja natureza não posso adivinhar. Seria loucura minha esconderme deles, porque eles não podem ver-me. Há pouco passei em frente do imediato e antes disso aventurei-me a ir até ao próprio camarote do capitão, onde arranjei o que precisava para escrever o que antecede e o que se seguirá.

Tenho a intenção de escrever este relato de vez em quando. É certo que não terei forma nem ocasião de o transmitir ao mundo, mas, pelo menos, tentá-lo-ei. E, em último caso, porei o manuscrito numa garrafa e lançá-lo-ei ao mar.

\*\*\*

Fiz recentemente muitas observações sobre a estrutura do barco. Embora bem armado, não creio que se trate de um navio de guerra. A sua mastreação e a sua tripulação repelem esta ideia. Sei perfeitamente o que não é, mas ser-me-ia impossível dizer o que é. Examinando a forma estranha e singular deste navio e as suas colossais proporções, a prodigiosa quantidade de velas que tem, a sua proa severamente simples e a sua popa de um estilo exagerado, creio que a percepção de coisas não completamente desconhecidas atravessa o meu espírito como um relâmpago, misturando-se sempre a estas sombras flutuantes da memória uma inexplicável recordação das velhas lendas estrangeiras de séculos antiquíssimos.

\*\*\*

Examinei cuidadosamente todo o madeiramento do barco. É feito de materiais desconhecidos para mim e parecem-me impróprios para o uso a que foram destinados. Refiro-me à sua extrema porosidade, considerada independentemente do desgaste natural resultante de uma longa navegação por estes mares, e da podridão da velhice. Talvez se ache demasiado subtil a observação que vou fazer: mas dá-me a impressão de ser feito de madeira muito semelhante ao roble espanhol, se o roble espanhol pudesse ser dilatado por processos artificiais. Relendo a frase anterior, lembro-me do curioso dito de um velho lobo-domar holandês:

— É positivo — dizia, sempre que duvidavam do que dizia — como é positivo que há um mar onde os barcos engordam como os corpos vivos dos marinheiros.

\*\*\*

Há aproximadamente uma hora tive a audácia de me meter no meio de um grupo de indivíduos da tripulação. Não repararam em mim e, embora permanecesse no meio deles, parecia não terem o mais pequeno conhecimento da minha presença.

Tal como o seu companheiro que vi pela primeira vez na calheta, todos eles tinham o aspeto de uma grande decrepitude. Os seus joelhos tremiam de debilidade; a velhice curvava-lhes as costas; a pele enrugada tremia com o vento; a voz era surda e sacudida; os olhos estavam molhados de lágrimas senis e os cabelos grisalhos pareciam fugir com a tempestade.

Em volta deles jaziam espalhados instrumentos matemáticos de formas antiquíssimas e de emprego fora de uso.

\*\*\*

O navio, com todas as velas desfraldadas, corria em direção ao Sul, sacudido e abanado pelo mais terrível inferno líquido que um cérebro humano possa conceber. Abandonei a coberta por não poder permanecer nela; a tripulação, no entanto, não mostra sofrer qualquer abalo.

Parece-me o milagre dos milagres que o mar não nos tenha engolido de uma vez para sempre. Estamos condenados, sem dúvida, a bordejar indefinidamente a eternidade, sem nunca mergulharmos no abismo. Deslizamos

como aves marinhas sobre ondas mil vezes mais altas e temíveis que qualquer onda conhecida. Outras ondas colossais levantam a sua crista por cima de nós, como demónios que não pudessem passar de simples ameaças e aos quais fosse proibido destruir-nos.

Acabei por atribuir essa boa sorte perpétua à única causa natural que pode explicar semelhante efeito: o navio ser mantido por alguma forte corrente ou por redemoinhos submarinos.

\*\*\*

Vi o capitão, frente a frente, no seu próprio camarote, mas, como eu supunha, não me prestou a menor atenção. Embora nada haja nele de superior ou inferior a qualquer homem, o assombro que senti na sua presença era impregnado de respeito e de terror supersticioso. Tem pouco mais ou menos a minha estatura; é bem proporcionado e de aspeto robusto, mas a sua constituição não revela um vigor extraordinário. O que é verdadeiramente singular é a expressão do seu rosto, a intensa, terrível e sugestiva aparência de velhice, tão completa, tão absoluta, que cria no meu espírito um sentimento inefável à medida que vou olhando para ele. A sua fronte, embora pouco enrugada, parece ter mil anos. Os seus cabelos grisalhos guardam o passado e os seus olhos, mais cinzentos ainda, como que profetizam o futuro.

O chão do seu camarote está juncado de estranhos volumes « in-fólio» com cantoneiras de ferro, de instrumentos científicos desusados e de antigos mapas de uma forma completamente esquecida.

Tinha a cabeça apoiada sobre as mãos, e o seu olhar ardente e inquieto devorava um pergaminho com a assinatura e os selos reais.

Falava consigo mesmo, como aquele marinheiro que vi pela primeira vez na calheta, e murmurava em voz baixa algumas sílabas de uma língua estranha.

Embora estivesse muito perto dele, parecia-me que a sua voz chegava aos meus ouvidos vinda de uma milha de distância.

\*\*\*

O barco e o seu recheio estão impregnados do espírito de outras épocas. Os homens da tripulação deslizam como sombras dos séculos sepultados. Nos seus olhos vive a inquietação dos pensamentos ardentes. E quando, ao cruzarem comigo, as suas mãos são iluminadas pela luz lívida dos fanais, sinto qualquer coisa que nunca senti, embora a minha vida esteja cheia da loucura das antiguidades, embora me tenha banhado na sombra das colunas arrumadas de

Balbek, de Tadmor e de Persépolis, de tal forma que a minha alma acabou por ser uma ruína.

\*\*\*

Quando olho à minha volta envergonho-me dos antigos terrores. Se a tempestade até agora me fez estremecer de horror, que sensações e que palavras, para a exprimir, necessitaria agora em face da batalha do vento e do oceano, uma batalha para a qual os conceitos vulgares de turbilhão não podem dar a menor ideia?

O barco ficou literalmente mergulhado nas trevas de uma noite eterna, num caos de água sem espuma, mas a distâncias circulares de uma légua, aproximadamente, podemos avistar bem distintamente e de vez em quando prodigiosas superfícies de gelo que sobem para o céu desolado como se fossem as muralhas do universo.

\*\*\*

Como eu supusera, o navio está indubitavelmente numa corrente, se se pode chamar assim àquilo que vai rugindo e uivando através das brancuras glaciais, e que produz no lado Sul um ruído estrondoso mil vezes mais forte que o de uma catarata caindo verticalmente.

\*\*\*

É impossível imaginar o horror das minhas sensações. No entanto, a curiosidade de penetrar o mistério desta terrível região é mais forte do que o terror, e até me reconcilia com a odiosa fisionomia da morte. Não há dúvida de que nos precipitamos à busca de um segredo incomunicável, cujo conhecimento só se consegue à custa da vida. Talvez esta corrente nos conduza ao próprio polo.

Por muito estranha que seja esta suposição, é preciso acreditar nela.

A tripulação passeia sobre a ponte, inquieta e trémula. Todos os rostos têm uma expressão nova mais parecida com o ardor da esperança do que com a apatia do desespero.

Como levamos todas as velas desfraldadas, e o vento nos empurra, há momentos em que o navio salta fora do mar.

De súbito — horror dos horrores! — o gelo que nos cerca abre-se repentinamente, à direita e à esquerda, e damos voltas vertiginosas em imensos círculos concêntricos em redor das bordas gigantescas de um enorme anfiteatro, cujos muros se prolongam para além das trevas e do espaço.

Mas já não me resta tempo para sonhar o meu destino. Os círculos apertam-se rapidamente e mergulhamos no abraço, cada vez mais cingido, do turbilhão. E, através do mugido horrível do oceano e da tempestade, o navio

estremece e — oh Deus! — afunda-se!